

Projecto Triplo Salto

Projecto programático do *SALTO 1*

1. Socialização e socialização na educação

Enquadramento social: citação de um caso dramático

Antes de entrar na linha narrativa que vai descrevendo a trajetória e avolumando o sentido trágico da existência da Ema Bovary, Flaubert tem o cuidado de nos esboçar o quadro social em que Carlos Bovary, o futuro marido da Ema, foi criado e socializado. Apenas aos **doze anos** Carlos entrou para a escola. Até aí *vivera à deriva, na dependência das fantasias otimistas do pai* Carlos Dinis Bovary antigo major-ajudante de cirurgião que por virtude de comportamentos irregulares e indignos da postura militar viu-se obrigado a abandonar as fileiras, mas essa vicissitude ainda que ignominiosa não constituiu a sua irrecuperável queda social. “Belo homem, bem-falante, fazendo tilintar ruidosamente as suas esporas, os dedos sempre cheios de anéis, com afabilidade amistosa de um caixeiro-viajante. Uma vez casado, viveu dois ou três anos da fortuna da sua mulher, jantando bem, levantando-se tarde, fumando grandes cachimbos de porcelana, voltando sempre tarde para casa, depois do espetáculo, e frequentando cafés [...]. A mulher tinha-o amado loucamente, outrora; tinha-o amado com um servilismo que mais ainda o afastara dela. Animada outrora, expansiva e amante, tinha-se tornado, ao envelhecer, mal-humorada, rabugenta, nervosa [...]. Quando teve um filho, foi necessário entregá-lo a uma ama. De volta a casa, **o petiz foi mimado como um príncipe**. A mãe alimentava-o com compotas; **o pai deixava-o correr descalço, e, para se armar em filósofo, dizia mesmo que ele poderia andar nu, como as crias dos animais**. No isolamento da sua vida, projetou sobre o filho todas as suas vaidades quebradas, espalhadas. Ensinou-o a ler, e ensinou-o também, num velho piano, a cantar duas ou três pequenas romanças. Mas, a tudo isso, o sr. Bovary, **pouco preocupado com as letras**, dizia *que não valia a pena!* Além disso, *com descaramento, um homem triunfa sempre no mundo*. Madame Bovary **mordia os lábios e a criança vagabundeava pela aldeia**. Aos doze anos, a mãe conseguiu *que os seus estudos comesçassem*. Encarregaram disso o cura. Mas as lições eram **tão curtas e espaçadas, que não podiam servir para grande coisa**. Eram dadas nas horas vagas, na sacristia, em pé, à pressa, entre batismo e um enterro; ou então, o cura mandava chamar o aluno depois das ave-marias, quando não

tinha que sair. Subiam para o quarto, e instalavam-se: as moscas e mariposas esvoaçavam em torno da vela. Fazia calor, o rapaz adormecia; e o bom do cura, amodorrando-se com as mãos sobre a barriga, não tardava a rressonar, com a boca aberta. Outras vezes, quando o senhor cura, voltando após ter levado o viático a algum doente dos arredores, apercebia *Carlos traquinando pelos campos, chamava-o, ralhava-lhe durante um quarto de hora e aproveitava a ocasião para o mandar conjugar um verbo, ao pé de uma árvore. A chuva vinha interrompê-los, ou alguém conhecido que passava. De qualquer modo, o cura mostrava-se sempre satisfeito com ele, dizia mesmo que o mancebo tinha boa memória.*”

Estávamos ainda longe dos estudos de Sociologia e do seu imenso reporte conceptual e dimensional, que nos deram a conhecer aspetos surpreendentes resultantes da interação social e das influências recebidas dos outros – a sociedade no homem e o homem na sociedade, quando Gustave Flaubert, em *Madame Bovary*, demonstrou a sua perceção, mais do que ficcional mas real, da forma, do espaço e do tempo adequados em que esses imperativos, socio-ontogénicos e socio-cognitivos estruturadores e pré-paratórios do acesso e da evolução dos infantes num contexto social interativo, como é a escola, coberço com a família, devem ser ministrados e inculcados nas crianças para a realização da aprendizagem dos conteúdos orientadores, necessários à nossa progressiva e decisiva entrada na sociedade e na vida. O desastre pode ser prevenido pela qualidade e quantidade daquilo que nos for transmitido, em muitos casos imposto, nesse segmento da nossa trajetória existencial. Vejam-se os aspetos lacunares da formação de Carlos que o condicionam ou constituem fatores inibidores da sua cabal e triunfadora entrada e convivência num ambiente escolar, e que são pilares fundacionais para a construção da personagem trágica que é Carlos Bovary, ao mesmo tempo que são sintomáticos da fraqueza moral e social do ideal tipo dum casal exemplar do séc. XVIII. Flaubert tem a preocupação de nos dar ao pormenor as lacunas de Carlos como é o caso, à primeira vista desprezível, da falta de sensibilidade dele para perceber e acompanhar a mulher na fruição estética da obra literária e operática. Vejamos a caracterização da personagem e o seu manifesto desenquadramento ou desqualificação:

“Estávamos no estudo quando o reitor entrou, seguido de um *novo*, fez sinal para que nos sentássemos; depois virou-se para o vigilante: Senhor Roger – recomendo-lhe este aluno, entra para o oitavo ano. Se o seu trabalho e seu comportamento forem meritórios, passará para os grandes, *onde tem idade para estar. Meio escondido no ângulo atrás da porta, de tal forma que mal podia ser visto, o novo era um rapaz do campo, de uns quinze anos.* Tinha os cabelos cortados a direito sobre a testa, como um diácono de aldeia, aspecto bem comportado e **muito embaraçado.**” *Apesar do atraso e “à força da aplicação,*

manteve-se sempre no meio da classe; uma vez ganhou mesmo um prêmio de **história natural**. Mas no fim do décimo ano **os pais tiraram-no do colégio** para o mandar estudar medicina, convencidos de que ele conseguiria completar o liceu **por si próprio** [...]. O **programa dos cursos atordoou-o**: curso de anatomia, de patologia ... e de terapêutica, sem contar a higiene nem a matéria médica, tudo nomes dos quais **ignorava a etimologia** e que eram para ele como **portas de santuários cheios de augustas trevas**.

Não compreendeu nada: por mais que escutasse, **nada retinha**. No entanto, trabalhava, tinha os cadernos organizados, seguia todos os cursos, não perdia uma única visita. Cumpria a sua pequena tarefa diária como um cavalo num picadeiro, que volteia **com os olhos vendados, ignorando a tarefa que cumpre.** Porém, e não obstante o sobre esforço desenvolvido, **as bases não estavam tão consolidadas para suportar o peso do esforço que a instituição exige aos seus credenciados**, assim “por negligência, acabou por se desligar de todas as resoluções que tomara. Faltou uma vez a uma visita, no dia seguinte a uma aula, e saboreando a preguiça, pouco a pouco, não voltou mais.” Entregou-se, por fim, a uma vida libertina mais recomendável aos candidatos a falhados da vida, mas a que são atraídos, consoladoramente, os desapontados e excluídos do sistema. “Falhou por completo o exame que lhe permitiria começar a exercer medicina. Nessa mesma noite esperavam-no em casa para festejar o seu sucesso!

Apoiado pela cumplicidade sofrida da sua co-vítima, “Carlos foi a pé e parou à entrada da aldeia, onde mandou chamar a mãe. Contou-lhe tudo. **Ela desculpou-o, atribuindo as culpas do falhanço à injustiça dos examinadores, e animou-o encarregando-se de arranjar as coisas.** Só cinco anos mais tarde o senhor Bovary soube a verdade; era uma verdade velha, aceitou-a; de qualquer forma, **nunca poderia admitir que um homem do seu sangue fosse um tolo.**

Carlos voltou *ao trabalho e preparou sem descanso as matérias do seu exame, do qual soube de antemão as perguntas, aprendendo-as de cor.* Conseguiu o diploma com **uma nota bastante boa.** Foi um belo dia para a sua mãe. Houve um grande jantar.”

O drama dos Bovary cujo texto é aqui extensamente citado, propõe-se constituir um suporte ilustrativo da importância e do carácter constitutivo da socialização primária para a criança bem como da sua boa entrada e êxito nesse sistema estruturante do indivíduo e da própria sociedade que é a escola. O sistema de representações por ela aberto, as perspectivas de futuro e sucesso que ela esboça e alavanca aos seus iniciados, bem como os méritos que lhes promete conferir, constituem razões determinantes e encorajadoras para nela empenhar os esforços societários e dotá-la de todos os recursos mesmo que em prejuízo de

outras áreas providenciadoras de algumas necessidades não imediatamente vitais. Convém acentuar: se a escola é vital para qualquer sociedade que se queira avançada como é o caso específico de Cabo Verde – com estrita incidência e particularidade para a Boa Vista, é a socialização iniciada na família e prosseguida na estreita cooperação de ambas as instituições que forma o esqueleto da personalidade intrínseca do indivíduo e das sociedades.

É por isso e com esse objectivo, que o *projeto Triplo Salto* se propõe fornecer aos iniciados do sistema escolar e futuros alunos, as condições sustentáveis de um progresso de excelência no processo da escolarização, e mesmo tempo atribuir à Boa Vista os recursos sociais, culturais, pedagógicos e até financeiros substanciais necessários ao processo de desenvolvimento, não só de crescimento, em que acaba de entrar, dotando a Ilha das condições estruturais da sua transformação consolidada e sustentada numa sociedade de amplos horizontes, acolhedora do outro, defensora dos seus valores e conservadora das características que ainda a sustentam: como a simpatia, a abertura para os estranhos e a tolerância que enformam a psicologia das suas gentes; mas também aberta para receber e provocar as mudanças intrínsecas das sociedades contemporâneas para que Cabo Verde se encontra cada vez mais disponível, aberto e espiritualmente preparado. Para que todas estas formulações não passem de expressão de simples e inconsequentes desejos e comecem a ser atingíveis, já no curto prazo, importa começar a criar as tais condições possibilitantes da sua realização, como a dotação da comunidade de um sistema educativo ou pré-educativo (SALTO 1) enformado e assente em pilares pedagógicos que garantam aos alunos uma aprendizagem progressivamente capacitante de molde a integrarem-se sem dores e resistências no sistema escolar; ao mesmo tempo que estimulante da absorção quantitativa e qualitativamente garantida das matérias curriculares que são propostas, porque potenciadoras do projetado e previsível desenvolvimento pessoal progressivo, mas, também e sobretudo, estimulador da entrada natural das crianças nas entranhas do conhecimento e a sua consequente desmistificação, logo facilitadora do questionamento propulsor da disponibilidade para a investigação da resposta assim como e primacialmente estimuladora do aparecimento desse espírito. Ora, as condições de possibilidade que abrem o alcance desse desiderato, que o **TRIPLO SALTO** encoraja e a que se propõe, começam por proporcionar uma boa socialização primária aos discentes tendo sempre presente que todas as etapas prosseguidas neste âmbito inicial nunca poderão descurar a sua imbricação e complementaridade com a família que é a primeira instância socializadora da criança e responsável perante a sociedade da expetável boa integração dos seus filhos nela.

1.1. Socialização primária

Por mais primária e longínqua que seja nenhuma sociedade dispensa uma ordem mínima e nenhuma sociedade, da mais comunitária à mais urbana ou anônima, sobrevive sem uma ordem social. A socialização é o processo de aprendizagem e interiorização dessa ordem, isto é, “a socialização é uma imposição, engendra uma ordem social que limita e regula os “desejos infinitos” do homem “pré-social”. Põe assim em ação uma vontade coletiva, que opera uma escolha, arbitrária, entre as diversas opções possíveis (matriarcado ou patriarcado, democracia ou aristocracia, propriedade privada ou propriedade comum).” Porque é tão preocupante e necessária a qualquer forma coletiva a ordem social? Precisamente porque ela “programa o quadro dos meus comportamentos habituais e impõe a esses comportamentos que se desenrolem de uma certa maneira”. Como o “indivíduo não se verga espontaneamente à ordem social [...], o processo de socialização tem nomeadamente por finalidade fazer entrar essas imposições no *habitus*, torná-las interiorizadas.” Obrigados ou não os indivíduos têm a sua localização no mundo o que implica o percurso de trajetórias, a realização de sua dialética, itinerários na escola, na família, no emprego, nas mais diversas instituições da sociedade; toda essa caminhada que constitui a existência requer uma aprendizagem que é feita mediante a socialização, “Tornar-se homem, hominizar-se é, para um indivíduo, antes do mais, socializar-se. Não se trata, na circunstância, de aprender tão-só a reproduzir comportamentos, por imitação, mas antes de interiorizar o social em si próprio, quer dizer aquilo que o social tem de objetivo para o indivíduo: as suas regras, as suas leis, os seus usos e costumes, as suas normas, os seus valores.” Tudo isto acarreta ou constitui-se a partir de três momentos dialéticos que são “a exteriorização, a objetivação e a interiorização” o que quer dizer que estar em sociedade é participar num jogo dialético que, em cada momento, vai ocorrendo no decurso da socialização, isto é, de crescente integração e participação na sociedade. Esta ocorrência é, com efeito, estritamente necessária e imperativa porquanto nenhum “indivíduo nasce membro da sociedade sim com predisposição para a sociabilidade,” é por este processo gradual que se vai tornando membro da sociedade e no qual vai sendo induzido a tomar parte nela e na sua ordem.

Peter Berger e Thomas Luckmann, *Construção Social da Realidade*, 1985, distinguem a socialização em primária e secundária como momentos sucessivos da nossa trajetória que embora aconteçam em sequência

não são totais “nem jamais acabados”. A primeira fase é de extraordinária importância, porque é no seu decurso que somos integrados no mundo, por isso a compreensão da sua importância é de extraordinária relevância para o nosso desígnio, isto é, para conduzir os destinatários e protagonistas principais do *SALTO 1* ao êxito para que nos iremos empenhar. O processo de socialização primária começa com a interiorização, isto é, com “**a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, logo como manifestação e processos subjetivos de outrem que desta maneira se torna subjetivamente significativo para mim.**” Convém insistir: “**a interiorização neste sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão dos nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.**” Esta definição torna-se apropriada para os fins que se propõe prosseguir e atingir, não só pela sua riqueza analítica, mas também pela sua substância – desde logo porque o mundo e os factos que nele impreterível e incontrolavelmente vão ocorrendo, a massa de realidade que de forma incontornável se nos impõe, *são objetivados pela criança*, mas sobretudo porque são apercebidos como acontecimentos dotados de sentido, isto é, ao atribuir sentido aos atos dos semelhantes está-se a conferir-lhes o estatuto de significativos, de referenciais, de outros iguais que praticam atos a que o candidato à integração confere coerência a ponto de ele se tornar “subjetivamente significativo,” o exemplo a seguir, o modelo. E porque os acontecimentos, os atos, as práticas, são dotados de significação, *logo estão ao abrigo da dúvida e podem ser imitados*, podem ser assumidos, “este assumir em si mesmo constitui em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez assumido, pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) recriado.” Daí que a socialização primária possa ser definida como “um processo ontogénico de ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade **ou de um sector dela** e a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade.” O ser social em construção vai sendo paulatinamente introduzido na sociedade através das suas perceções e interações, dos discursos que ouve e dos atos que vê serem praticados, e que sendo dotados de coerência vai adoptando como seus, fazendo a apropriação do mundo, porque se identifica com os significativos ou os agentes sociais dotados de práticas coerentes e carregadas de sentido para ele. Eis o ponto por que deverão começar os passos e incidir as preocupações programáticas e os propósitos altruísticos de todo o TRIPLO SALTO.

1.2. A relação ou co-relação entre a família, a escola e a socialização primária

Todo o processo de socialização é realizado por agências, estruturas sociais objetivas, umas como a família “dentro da qual se encontram outros significativos que nos são impostos e cujas definições das diversas situações,

entre as quais a nossa, se apresentam como a realidade objetiva;” outras como no caso particular da escola complementam a família (a socialização primária processa-se em idade precoce de fácil modelagem) no trabalho de nos introduzir em domínios específicos não só com **carga cognitiva mas ainda emocional**. A família é a primeira agência com que nos deparamos e nos coloca ante e dentro do mundo; fá-lo revestindo os seus discursos com a carga emocional facilitadora da interiorização (de que não está ausente a ingestão de pesados “sapos”). A aprendizagem imposta nesta sede, embora tenha a sua carga cognitiva, tem de recorrer a conteúdos e métodos sobretudo emocionais, nem poderia ser de outro modo, carece dessas instâncias para produzir os seus efeitos ou atingir os seus objetivos. A persuasão do infante exige docilidade, assim “a socialização primária implica mais do que o aprendizado puramente cognitivo. Ocorre em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção. Com efeito, existem razões para se crer que sem esta ligação emocional com os outros significativos o processo de aprendizagem seria difícil, quando não de todo impossível. A criança identifica-se com outros por uma multiplicidade de modos emocionais. Quaisquer que sejam, **a interiorização só se realiza quando há identificação**. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus. Por meio desta identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível.” Assim é que e dado a fácil ductibilidade dos infantes os comportamentos visionados nos dois universos – **família e escola -- terão que ser não só complementares como cooperantes, como ainda dotados de máxima proximidade e coerência, mas mais do que tudo fazer sentido**, essa sincronização das duas agências de ministração e inculcação de valores, ordem, significados... deve fazer-se com o extremo cuidado de **evitar contradições, disfuncionalidades e deposição de dúvidas** desacreditadoras e suicidárias nas personalidades em construção. É que se a inculcação dum identidade, isto é, de uma auto-identificação implica uma apropriação de um certo mundo e tal como “a criança aprende que é aquilo que é chamado e todo o nome implica uma nomenclatura, que por sua vez implica uma localização social determinada, ela torna-se o que é pela ação dos outros que para ela são os seus significativos.”

Este momento da trajetória da existência que se enforma essencialmente através da circulação nestes dois campos cruciais (a família e a escola) de observação, interação, aprendizagem e desenvolvimento, é determinante porque é neles que se cria a consciência de que **todas as ações estão reguladas**, que elas não são produto dos nossos impulsos imediatos, mais: que estes devem ser contidos e controlados. Esta noção de que a vida se processa conforme as normas recebidas ou finalisticamente produzidas, deve “criar na consciência da criança uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes em geral.” Isto é, as normas que

se aplicam ao caso pessoal e que conformam os atos que produzimos ou ansiamos realizar não são estritamente dirigidos e exclusivos para os casos particulares, mas que se aplicam a todos – extravasam o campo do individual para abranger e aplicar-se à generalidade dos sujeitos. Por exemplo, “na interiorização das normas há uma progressão que vai da expressão *a mãe está zangada comigo por ter derramado a sopa,*” a esta outra noção *todas as vezes que derramo a sopa a mãe fica zangada comigo.*” A passagem da situação isolada e particular para a generalização em todos os universos da socialização deve ser coerente com todas as situações pois “todas as vezes que as pessoas significativas (professor, avós, pai, amigos) apoiem ou afirmem a atitude negativa ou reprovem a ação de derramar a sopa, **a generalidade da norma é entendida objetivamente.** O passo decisivo ocorre quando a criança (o pré-escolar!) reconhece que todos são contra a ação de derramar a sopa, e a norma generaliza-se pela sua conversão na expressão *não se deve derramar a sopa.*” Logo, a interiorização de que toda a gente (a generalidade) reprova o ato transforma-se no princípio de que **toda a sociedade comunga da mesma censura ou reprovação.** “Esta abstração dos papéis e atitudes dos outros significativos concretos designa-se por *o outro generalizado.* A sua formação na consciência significa que o indivíduo identifica-se agora não somente com os **outros concretos mas com uma generalidade de outros, logo com uma sociedade.** O indivíduo tem agora não somente uma identidade em face deste ou daquele outro significativo, mas uma identidade em geral, subjetivamente apreendida como constante [...]. Esta identidade, recentemente coerente, incorpora em si todos os papéis e atitudes interiorizados, inclusive, entre muitas outras coisas, a auto-identificação como a pessoa não derrama a sopa.”

De todas as formulações ou instanciações do social o princípio da identificação com o outro generalizado, isto é, da consciência de que a sociedade, os grupos e os indivíduos se regem por normas, é aquele que maior incidência e cuidado merecem ao educador na medida em que se trata de um princípio geral constitutivo dos fundamentos disposicionais do futuro cidadão, organizador do ser que se educa para se tornar num estudante que reconhece e cumpre os princípios enformadores do sistema escolar e que determinam a apreciação e a disposição para a prossecução do êxito; este, desde que sustentado pela moral social e lícito, deve ser estimulado e constituir uma das linhas de rumo do SALTO 1. Isto é, inculcar o princípio de que o sistema de ensino tem **regras cujo conhecimento e domínio determinam o bom êxito** escolar e social deve ser uma preocupação permanente dos socializadores de ambas as agências; mas também que a inculcação de que viver em sociedade é cumprir normas e fazê-las cumprir é um bom augúrio para o futuro e integral formação do cidadão. É esta iniciação que cabe conjuntamente às duas instituições – à família e à escola -- fazer e que constituirá o objetivo do SALTO 1, logo o regime por que se pautará a prossecução do seu programa será o

cuidadoso *modus* de melhor fazer a inculcação dos bons valores da sociedade boa-vistense, cabo-verdiana e universal por forma a preparar e a estruturar o futuro do excelente cidadão duma Ilha, dum País e do Mundo.

2. Objetivos programáticos particulares do *SALTO 1*

O SALTO 1, cujo enquadramento programático constituirá matéria deste ponto, é assim designado por constituir o primeiro nível dum percurso mais vasto e ambicioso de “saltos” qualificados pelo seu autor, Armando Ferreira, de “Triplo Salto;” porém aquele primeiro salto tanto nos seus objetivos, conteúdo programático e optimística ambição, enquadra-se e configura os propósitos do programa do ensino pré-escolar, isto é, tal como este, propõe-se pôr à disposição dos infantes e das famílias da Boa Vista um conjunto de instrumentos didáticos de qualidade e atualidade no pensamento moderno e ministrados com a alta performance vocacionada para o êxito escolar dos educandos. Propõe-se a, em tempo apropriado e com recurso a algumas disciplinas de qualidade destacada, designadamente da área artística e tecnológica, oferecer às crianças do pré-escolar as bases que lhes proporcionem uma boa e potencializadora socialização, logo serem educados para o êxito social total, e, ao invés de Carlos Bovary, por forma a entrarem no ano apropriado no sistema de ensino, a adquirirem competências que os capacitem a fazer o seu percurso escolar enquadrados pelo imperativo da compreensão das matérias ministradas, a despertar-lhes o gosto pelo estudo e a prepará-los para que a pronta disponibilidade para provar a aquisição de conhecimentos, entretanto realizada e consolidada, seja um acontecimento normal e natural sem necessidade de recurso a facilitismos e arranjos bovaristas (em que a ideologia dominante não é a de que “com descaramento, um homem triunfa sempre no mundo,” mas a de que com trabalho determinado e orientado um homem ou uma mulher triunfam, progridem e constituem uma mais valia para a sociedade em que habitam), antes que os prepare para receberem no final da carreira deste primeiro passo um aproveitamento valorizado e garantia de êxito nas demais etapas escolares e não a representação de um atestado de subcapacidades, porém uma prova de mérito e excelência. Assim e com vista a atingir o desiderato proposto nos princípios fundadores e enformadores do “*TRIPLO SALTO*” o programa do *SALTO 1* dotar-se-á de instrumentos que lhe possibilitem pôr à disposição dos alunos:

a). A aprendizagem de linguagens artísticas diversas com destaque nomeadamente da literária, musical, pictórica, dramática e do *ballet*/dança considerados simultaneamente método de aprendizagem, forma de incentivar e cultivar a cognição para conhecimentos não apenas artísticos e estimular a sensibilidade estética de tal modo que toda a aprendizagem e o desenvolvimento da criança seja empreendida não pela acumulação estéril da memorização tipo

Carlos Bovary, mas pela acuidade produtiva e salutar da boa interpretação e compreensão do lido, do visto e do ouvido. Propõe-se que a apreensão e a conversão natural destas linguagens em método e em incentivos catalisadores da proveitosa aprendizagem constituam plataformas de conversão do olhar e do despertamento da sensibilidade para o conhecimento de todas as matérias independentemente da sua natureza ou área do conhecimento por forma a despertar e a lançar o aluno na senda da progressiva compreensão daquilo que não só lhe for ensinado como do que se constituir matéria do seu interesse pessoal;

b). O acesso às áreas tecnológicas com a introdução, desde logo, aos meios informáticos com destaque para a manipulação do computador e aquisição de alguns rudimentos de *softwares* como são os principais sistemas operativos mais utilizados, não descuidando a explicação, ainda que rudimentar, das condições de possibilidades destas novas tecnologias como a matematização, a geometrização e a atividade criativa e laboral desenvolvidas através dos milénios e dos últimos séculos de vida da humanidade para alcançá-las;

c). Uma socialização baseada em valores fundadores da noção de cidadania com incidência na capacitação para a convivência democrática cujos pressupostos são a liberdade, a solidariedade social, a paz, a participação política e social de todos, a tolerância e a justiça social, para além de salientar os valores constitutivos que irmanam toda a humanidade universal, cujo alicerce mais profundo é a busca incondicional da verdade;

d). A capacitação para avaliar, compreender e acolher a mudança como um dos fundamentos das sociedades de desenvolvimento intensivo, o que pressupõe o domínio do espírito analítico e crítico, assim como apreender a natureza competitiva da sociedade global;

e). A predisposição para a não conformação com modos e sociedades em que impera a injustiça, a mentira, a ganância e ganhos por meios ilícitos e ainda rejeitarem procedimentos não consentâneos com os direitos humanos;

f). Um conjunto alargado de conceitos, ainda que nalguns casos rudimentares, sobre a higiene pessoal e pública por forma a prevenir a saúde pública e o bem-estar das comunidades;

g). O despertamento para as questões de ordem planetária como o estado do ambiente, a vida ecológica, os problemas nocivos duma cultura consumista e danosa para o Planeta;

h). A persuasão para as consequências gravosas da vida sedentária e dos excessos de todo o tipo, valorizar os bens sociais como trabalho, a solidariedade social e uma cultura de bem-estar que estimulem a auto-estima e a valorização pessoal e social;

i). Um conjunto de meios de diversa natureza – artística, tecnológica, instrumental, dialogal, lúdica... -- que abram às crianças pistas estimulantes da aprendizagem e que lhes proporcionem as melhores condições para a formação duma representação clara, moderna, evolutiva e dinâmica das relações e da vida em todos os grupos sociais.

2.1. As formas de linguagem sobre que incidirá o nível

2.1.1. O conhecimento e o domínio da língua

Sobre “*Educação, escolaridade e as artes,*” 1982, diz Ken Robinson que “The uniqueness of human existence consists, above all, in our capacity to appraise and communicate with each other about various experiences of the world. As well as the language of number or empirical observation and record, of induction and deduction, of morals, or religion and of transcendence, there are other languages. There are, for example, the languages of gesture, posture and visual expression. Alongside all of these, and of equal importance there are the languages in which our ideas of beauty, grace, harmony, balance, harshness stridency and ugliness are conceived, formulated and expressed. We call this our aesthetic awareness and mode of discourse. Among these various symbolic modes of communication by which we formulate and express our understandings of the world, each is distinguishable from the rest, each has its characteristic logic, its own grammar and syntax. In true language fashion, each generates its own literature. Each is basic to human rationality in all its diversity.”

Para que se produza a reflexão útil e se lance na busca de respostas para a inquietação que nos move ou que resulta duma ordem de questionamento que colocamos ao real, ao mundo e a nós próprios, é necessário começar por saber pensar, isto é, começar por interrogar e saber lançar-se na aventura da procura da eventual resposta ou eventuais respostas conduzidas e produzidas quer por um raciocínio lógico e claro, como por outros impulsos criativos de ordem estética. Urge, então começar a ensinar o interrogar, mas para que isso aconteça e bem, convém dominar um determinado instrumento – a palavra e saber, com ela, construir o discurso lógico e inteligível. E se é verdade que a socialização da criança se inicia com a linguagem gestual, a palavra está desde logo presente nos rudimentos da comunicação estabelecida com ela, tarda sempre o momento em que sofremos por receber dela a primeira palavra ou o

esforço para articular e balbuciar a primeira e a mais simples delas. A palavra é, indiscutivelmente, o principal instrumento de comunicação, pensamento e reflexão humanos, é o principal instrumento de socialização, ou seja, o meio por que se processa a nossa entrada no mundo e o melhor garante de uma boa socialização; “a sociedade, a identidade e a realidade cristalizam-se subjetivamente no mesmo processo de socialização. Esta cristalização ocorre juntamente com a interiorização da linguagem.” A cristalização subjetiva, isto é, a fixação em nós destes fenômenos sociais, melhor a sua ontogenização processa-se mediante as palavras que fazem com que “o que é real fora corresponda ao que é real dentro e assim o que é realidade objetiva pode facilmente ser traduzido em realidade subjetiva e vice-versa. A linguagem é, evidentemente, o principal veículo deste progressivo processo de tradução em ambas as direções.”

Como se deduz de tudo o que acaba de ser dito, o conhecimento da língua é o primeiro momento de todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança a que se propõe o “**TRIPLO SALTO;**” mas a principal aposta do **SALTO I** não se resumirá na acumulação e utilização de palavras para a simples comunicação; o seu principal e determinante objetivo nesta área é dar a conhecer o vocábulo, as suas significações, os seus sentidos e, quando conveniente para a compreensão da sua utilização em contextos diversos, o seu étimo, para que a criança se aproprie da palavra em toda as suas variações para a sua eficaz utilização e interpretação em todos os contextos de aplicação possíveis. Conclui-se assim que para que haja fala é necessário aprender e dominar competentemente a língua. A simples apreensão desta é todavia ainda insuficiente para garantir uma clara aprendizagem, o mesmo é dizer: a boa cristalização da realidade, da sociedade e da identidade, e por consequência o desenvolvimento da criança; ela carece de saber mais sobre a palavra e a arte da sua utilização – sentidos possíveis e contextualizações dos seus usos e afinidades para que o seu discurso obedeça a uma lógica de construção e de interpretação:

- Para que esta competência linguística seja conseguida impõe-se não só dotar as crianças do domínio das regras sintáticas e gramaticais constitutivas do discurso como ensiná-las a captar a inteligência (sentidos, significações, intenções) subjacente ao contexto em que os vocábulos são empregados.

Esta preocupação, expressa no programa, tem fundamentos teóricos sobejamente conhecidos e não é despiciente no contexto da ilha da Boa Vista que se caracteriza, como a grande maioria das ilhas cabo-verdianas, pela ausência de recursos culturais formais, e onde até a normal utilização do livro e o exercício da leitura é considerado um risco para a saúde mental. Ora, esta

pobreza de recursos e de equipamentos culturais, a genuína preocupação com a ausência da sua fruição pode ser comparada à situação e conclusão de Bernstein (1973) ainda recorrentemente citada sobre “a subcultura e o sucesso escolar real das crianças da classe trabalhadora” em que o insucesso é configurado pela “discrepância entre a forma de comunicação requerida pela escola e a forma de comunicação que os adultos desenvolviam: tratava-se de duas formas em oposição.” Como concluiu que esta discrepância entre os discursos afetava a percepção das crianças daquela classe “preocupou-se em analisar a relação entre a socialização familiar, modo de uso da língua e percepção.” Aceitando à partida a discrepância aqui considerada e as dificuldades que coloca à aprendizagem e sucesso escolar:

- o programa do *SALTO 1*, preocupado que está em constituir-se uma instância complementar da socialização realizada no seio da família, envidará os esforços programáticos no sentido de eliminar as lacunas que possam existir e persistir na mente das crianças por forma a abrir-lhes o caminho à sua boa aprendizagem e consolidado auto-desenvolvimento. Neste sentido o programa orientar-se-á ainda para:

a). A aquisição e a aprendizagem da linguagem oral como uma via para aceder e facilitar a passagem para a expressão escrita da língua, considerando sempre que o domínio de ambas as expressões é o ponto de partida para o estabelecimento da auto-comunicação bem como o de comunicação de grupo e meio de empreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento sustentados da criança, para além de dar-lhe o acesso à “competência global para a leitura no sentido da interpretação e tratamento da informação de que decorre a leitura da realidade, das imagens e daí deduzir para que serve a escrita, mesmo sem saber ler formalmente;”

b). O incremento de espaços de fala entre o grupo e os possíveis subgrupos organizados para o efeito de treino da língua com o objetivo mais alargado de atingir o domínio consistente da linguagem oral;

c). A criação de espaços de recreio e jogos com vista à “exploração do carácter lúdico da linguagem e do prazer da utilização das palavras;” suscitar o gosto pela composição oral e espontânea de discursos, com recurso a expressões de conteúdos diversos, que sensibilizem a curiosidade e apreensão da riqueza de modos e possibilidades contidas na língua para a formação de diversas expressões que enunciem emoções, pensamentos, raciocínio lógico-matemático, para além de se constituir o principal veículo de transmissão e de apreensão de conhecimento;

d). O estabelecimento do diálogo entre gerações da Ilha e as crianças por forma a estabelecer a interação geracional e fomentar a troca de pontos de vista, o conto de estórias e a receção da história e conhecimento da vida da terra com o fim expresso de produzir e exercitar o uso das palavras. Cumulativa e simultaneamente, tentar-se-á obter a cultura e o aprofundamento do respeito das gerações mais novas pelas mais velhas e fazer que esses encontros e debates na sala de aula e noutros espaços tidos por convenientes, consigam gerar a comunicação verbal, a evolução dos vocábulos, a contextualização dos discursos que ensinem às crianças “as diferentes funções da linguagem e adequar a sua comunicação às situações.”

2.1.2. As linguagens artísticas

Herbet Read, *Educação pela Arte*, 1943, recuperou a teoria platónica sobre a educação pela arte. O pressuposto de que parte relativamente aos objectivos da educação é a de que o homem nasceu com disposições individualistas que são a essência da democracia, esta seria uma forma de conciliação entre o individualismo e as tendências dele decorrentes para impor os interesses individuais sobre os interesses orgânicos da comunidade. O individualismo tem valor intrínseco visto que essas características pessoais que ninguém mais possui têm valor para a comunidade. Ora, para que haja a ultrapassagem desta desfasagem é necessário que se realize a integração que “é a reconciliação da singularidade individual com a unidade social,” objetivo primacial da socialização, isto é, e noutro termo, da educação. Esta pressupõe a liberdade como princípio orientador, como aliás já defendia Rousseau. O princípio dominante da educação é conseguir uma boa integração e se um indivíduo consegue uma boa integração chamamos-lhe “um bom cidadão.” Desta possibilidade ou do esforço com vista à sua consecução fundamenta a sua “teoria da educação integrada numa conceção democrática da sociedade” cujo instrumento teórico determinante é a “educação da sensibilidade estética que abrange todos os modos de auto-expressão, literária e poética, musical e auditiva, **que forma aquilo que se pode designar de educação estética – educação daqueles sentidos em que se baseiam a consciência, e finalmente a inteligência e o raciocínio do indivíduo humano.**” Por outro lado, ainda e segundo ele “**É apenas na medida em que estes sentidos se relacionam harmoniosa e habitualmente com o mundo exterior que se constrói uma personalidade integrada.**” Logo, a arte pode ou deve ser eleita como o melhor meio para uma educação bem conseguida sem descurar a fundamentalidade da ciência na explicação da vida e do mundo pois “A arte é a representação, a ciência a explicação - da mesma realidade.” Trata-se, com efeito, de uma abordagem inovadora, cujas imensas potencialidades e promessas não deixam o educador inovador indiferente pelas possibilidades que augura.

As artes constituem formas de linguagem carregadas de simbolismo. Pelo recurso ao simbólico para evocar realidades, exprimir sentimentos e transmitir ideias subliminares, que sugerem comportamentos ou reações, e porque a modernidade assenta em configurações tecnológicas provenientes de abstrações científicas, motoras da vida económica, social e cultural das sociedades contemporâneas:

- o **SALTO I** terá por missão iniciar a nova geração na codificação e na descodificação, essencialmente pela arte, dessas linguagens quer se manifestem sob as formas musicais, poéticas, corporais ou plásticas. O seu programa nesta “área de expressão e comunicação” não se contentará com a iniciação à descodificação dessas linguagens como e sobretudo em despertar as potencialidades das crianças do pré-escolar para a expressão e a concretização de talentos artísticos. Propondo-se a aprendizagem e o desenvolvimento da cultura do belo artístico e natural e a captação do simbólico que enforma as diversas formas da vida e do conhecimento, esta área terá por objecto:

a). Na **expressão musical** explorar as potencialidades locais da tradição musical há muito arreigadas nas populações da Ilha, captar as fórmulas por elas mais apreciadas e cultivadas com vista a atingir patamares estéticos mais elevados, bem como introduzir o gosto por géneros em cuja componente figurativa constituam pontos de partida para “exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente;” explorar as potencialidades auditivas da criança para a captação dos sons ensinando-as a captá-los nas suas formulações naturais como nas produções artificiais de diversos instrumentos musicais, começando pelos de uso local, até aos mais recorrentes na produção de obras musicais mais estilizadas. Procurar-se-á fazer com que a expressão musical seja para as crianças um pólo aglutinador mas também desencadeador do interesse pelas diversas formas da cultura artística ainda que comecem por incidir a sua atenção sobre as diversas manifestações de carácter tradicional e popular da Ilha para se ir atingindo (gradual e sucessivamente) no desenvolvimento progressivo do “**TRIPLO SALTO**” etapas cada vez mais complexas de audição, apreciação e produção artísticas;

b). Na **expressão psico-motora** procurar desenvolver a disciplina do corpo e dos movimentos por ele produzidos em que “a diversificação de formas de utilizar e sentir o corpo [...] podem dar lugar a situações de aprendizagem dotados dum controlo voluntário” do corpo e da sua potencialidade para gerar movimentos harmoniosos, repousantes, assim como de qualidade e tipos mais diversos como o artístico. Por exemplo, sendo a Ilha quase um contínuo de praias as capacidades nadatórias das crianças deverão ser maximamente exploradas, incentivadas e aproveitadas não só como forma de exercício físico e potencialização para a iniciação à prática de desportos

náuticos, mas também como meio e ocasião de socialização, sobretudo para capacitar o corpo e dominar os reflexos para além de potencializá-lo para a produção de movimentos expressivos. Isto é, partir da expressão dos movimentos do corpo na água para o disciplinar, e daí ir cultivando as suas manifestações e reflexos para conseguir a sua expressão com graça em terra e no ar; ainda ensinar à criança a “inibição de movimentos, a capacidade de estar quieta e de se relaxar.” Tendo em consideração que toda a vida se desenrola com o recurso ao uso do corpo, consideração que confere oportunidade à máxima latina (Juvenal) “mente sã em corpo são,” a motricidade deverá ser objeto de um cuidado não negligenciável, pelo que uma boa cultura dos movimentos do corpo deverá processar-se pelo recurso a outros meios artísticos que explorem os dons potenciais das crianças na eficiente utilização do seu corpo, daí o recurso à música para:

c). Na **expressão do corpo sob a forma de dança** aquela deverá constituir um modo auxiliar da dança na medida em que “o ritmo, os sons produzidos através do corpo e o acompanhamento da música ligam a expressão motora à dança e também à expressão musical.” Deste modo “Identificar e designar as diferentes partes do corpo, bem como a sua nomeação, ligam a expressão motora da linguagem.” Por outro lado, ter-se-á em consideração que o termo dança tem uma subespécie com o nome de *ballet* que é uma versão mais complexa daquela na medida em que se esta como expressão de movimentos tem “a finalidade de obter o prazer da sua execução e nas suas características expressivas e criativas,” a obtenção de prazer não apaga a manifestação de beleza na dança pois ela reúne “elementos plásticos, os grandes gestos e as grandes poses, combinando-os numa composição dinâmica” e tal como “na música e no canto o ritmo está também aí presente,” como manifestação que se subordina ao ritmo constitui uma via de “descarga emocional do indivíduo,” porém a dança “depois de socializada, ganhou aspetos artísticos” que se denominam *ballet* que constitui a expressão apolínea, isto é, agrega à dança a arte e como tal deixa de ser apenas uma descarga de emoções comandadas pelo ritmo e é assim uma expressão dionisíaca. Considerando o salto qualitativo que representa a transição da dança para o *ballet* em que o movimento obedece não só ao ritmo como à harmonia com a presença de regras que controlam as manifestações da dança, será objetivo do **SALTO 1** promover “a dança que possibilita que a criança satisfaça as suas necessidades lúdicas, de expressão e de criação, para que a sua personalidade possa desenvolver de modo equilibrado,” mas não descurará as possibilidades contidas na “dança-espetáculo” como forma suprema de expressão do corpo que desse modo combina diversas formas de expressão. Aliás, a cultura e a prática das diversas formas artísticas devem constituir uma forma de iniciação para as crianças do **SALTO 1** e nesse estádio:

- constituir motivações para uma futura profissionalização da prática artística no sentido da produção de uma indústria sustentada de espetáculos que valorize e constitua uma mais valia à indústria turística em fase de implantação na Ilha;

d). Na **expressão dramática** procurar-se-á estabelecer o gosto pela interação com o outro não só como forma de comunicar com ele, mas a começar por ser “um meio de descoberta de si próprio,” e uma vez estabelecida a abertura para a relação constituir uma forma “de se apropriar de situações sociais. Na interação com outra ou outras crianças, em atividade de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal.” As potencialidades da expressão dramática, na educação pela arte, levou Herbert Read a considerar este tipo de expressão “fundamental em todas os estádios da educação, considero-a” diz ele “mesmo como uma das melhores das actividades, pois que consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte.” Como método de educação e técnica de aprendizagem escolar os jogos dramáticos “dão à criança o meio de exteriorizar, pelo movimento e pela voz, os seus sentimentos profundos e as suas observações pessoais.” O recurso a este método de aprendizagem e de propulsão do desenvolvimento da criança, é determinante para a iniciação no jogo social porque coloca a criança a desempenhar papéis, coloca-a a ocupar posições, a assumir personagens dotadas das mais diversas características e naturezas. Assim, ao representar ou fazer expressão dramática propõe-se ajudar a criança a: “desenvolver a sua personalidade; a educar-se e a satisfazer algumas das suas necessidades fundamentais como a expressão de sentimentos, a estimular a criatividade, a participar no ludismo, a desempenhar papéis, a interagir e a evadir-se pela ficção.” Para conseguir este alto desempenho:

- criar-se-ão as condições para que as crianças “reproduzam, pela imitação, modelos – pessoas, animais, objetos ou fenómenos naturais ou artificiais; façam da mímica um tipo de jogo pelo qual exteriorizam a sua interioridade como gestualizam factos correntes do quotidiano, logo:

- estas performances serão atingidas pela representação teatral de pequenas peças infantis direcionadas para a incentivação do prazer de assumir personagens de natureza diversa; o gosto do diálogo como treino para a participação na coisa pública e troca de posições e papéis; a perceção e a compreensão dos mecanismos de espaço e tempo; a perceção e a compreensão de disposições psicológicas, sociais, dramáticas e culturais e técnicas que constituem uma personagem e que possam constituir-se numa instrumentação empírica e cognitiva para a participação na vida social geral:

- “Pelo seu grande valor de desenvolvimento emocional, pelo seu poder de contar estórias e narrar história e acontecimentos, de comunicação social, de crítica, de formação e de informação,” o teatro será desenvolvido e estimulado, será integrado, sempre que possível, no conjunto da artes performativas não só para o desenvolvimento dos educandos como também como forma de provocar a comunicação da escola com as famílias e a sua própria e útil exteriorização;

e). Na **expressão plástica** elerger-se-ão a pintura e o desenho e não se descurará a modelagem com expressão considerável do trabalho no barro e a tecelagem de fitas de palha que constituem duas tradições na produção do artesanato da Boa Vista. “As atividades de expressão plástica deverão ser da iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que constrói no seu interior [...]. Implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e a instrumentos específicos e a códigos próprios que servem de mediadores” da expressão. Neste sentido a expressão plástica constitui um sintetizador doutras expressões que se reúnem para produzir um trabalho, um resultado, que vai desde o desenho, como o trabalho de modelagem de materiais sintéticos e naturais como o barro e a areia sendo que, aproveitando as potencialidades arenosas da Ilha, dever-se-á introduzir a realização de trabalhos na areia e trabalhos de modelagem do barro. Por outro lado, este tipo de expressão remete para “a exploração de materiais em dimensão bi- ou tridimensional, com texturas, dimensões, volumes e formas diferentes e até para o domínio da Matemática [...]. Os contactos com a pintura, a escultura, o desenho, a gravura constituem momentos privilegiados para aceder ao contacto com formas artísticas e à cultura que se traduzem num enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e o desenvolvimento do seu sentido estético:”

- assim, neste passo inicial do processo do TRIPLO SALTO os trabalhos dos alunos deverão ser considerados apenas como meios de desenvolver potencialidades e despertar o seu gosto; bem como explorar as suas capacidades para identificar as afinidades e atitudes culturais.

Não é de todo importante a consideração dos trabalhos finais como obras, o que importa é estimular os processos como métodos educativos e qualitativos de trabalho. “Não interessa que pinte bem, mas que expresse os seus sentimentos e satisfaça as suas necessidades criativas através do ato de pintar,” do ato de tocar e envolver-se com o material, sentir a sua textura e reagir no sentido de tomada de conhecimento e experimentação dos elementos constitutivos do mundo em que a criança está a começar a sua trajetória ou trajetórias. Antes da construção ou manifestação duma técnica o importante é desafiar para experimentar a perceção do mundo; comparar a diversidade dos

materiais e das suas formas. Por outro lado, não se deixará de considerar, assumir e recorrer a outras formas de expressão:

- que despertem a espontaneidade e a inspiração nas crianças. Para Read “a expressão livre ou espontânea é a exteriorização **sem constrangimento** das atividades mentais de pensamento, sentimento, sensação e intuição.” É o caso particular do desenho tido como forma por “excelência de exteriorização da interiorização.” A técnica do desenho deve ser incentivada e praticada desde o início da aprendizagem, deve constituir uma rotina curricular deste estágio de trabalhos pela combinação das técnicas que possibilita como ainda em virtude das possibilidades anímicas que ajuda a exteriorizar. O desenho deve servir para a organização das noções de espaço, de tempo e a sua complexidade, a exploração de geometrização do corpo, dos objetos, da numerização e finalmente da matematização;

f). Encorajar e estimular as atividades lúdicas das crianças do SALTO 1. Assim, para além da incentivação à prática do desenho para fazer brotar as disposições psico-motoras dos infantes, também através da realização diária de jogos, procurar-se-á que aquelas atividades sejam uma ferramenta dirigida à produção do reforço da emergência daquelas disposições. É incontestável que no conjunto das atividades didáticas e letivas as iniciativas competem ao professor: imaginar e preparar as melhores formas de conduzir a transmissão das matérias curriculares; porém o aluno pode ter um papel desafiante e auto-construtivo nas atividades conducentes ao favorecimento e melhoria da sua aprendizagem, e a forma mais globalizante de consegui-lo é através das atividades lúdicas, porquanto a iniciativa para empreendê-las brota da própria criança na interação construtiva com as demais crianças que se tornarão suas parceiras de invenção dos modos de jogar, colegas e cúmplices nas estratégias a empreender, amigas e confidentes para e quando da realização e desenvolvimento dos jogos para além da criação de contextos de criatividade. É por isso que aqui se deverão ensinar, incentivar e criar as condições para que as crianças brinquem e atinjam as suas expectativas e realizem as linhas da sua poderosa imaginação. Alberto B. Sousa ressalta que “a atividade lúdica da criança brota espontaneamente, sai dela naturalmente, emerge de modo independente, sem a necessidade de qualquer intervenção do adulto.” Por este meio e “sem qualquer motivação ou intervenção do adulto, a criança está, deste modo, a desenvolver a sua imaginação, a sua inteligência, a sua vida afetivo-emocional e a sua motricidade, de um modo de tal forma eficaz que eclipsa todas as outras tentativas metodológicas com que o adulto procure atingir os mesmos objetivos.” Desta noção de atividades lúdicas destacam-se a espontaneidade, a independência e naturalidade, vida afetiva e motricidade cuja cultura será objeto das preocupações especiais do SALTO 1 na perspectiva de

que fazem parte do conjunto de objetivos máximos que constituem os fundamentos desta empresa sistémica que é o TRIPLO SALTO;

g). Iniciar os seus pré-escolares na descodificação da imagem. Este trabalho incidirá particularmente sobre o cinema, ou seja, visionamento, compreensão e análise de imagens, de imediato para explicar os mecanismos de realização cinematográfica como também de leitura e apreensão das mensagens por elas difundidas por forma a poderem “dissecar as aparências,” que normalmente escondem, ao mesmo tempo que destacará o seu mecanismo propulsor natural que constitui uma das suas essências como é o caso particular do movimento; bem assim compreender as personagens, apreciar as caracterizações e todos os mecanismos estéticos que constituem esta extraordinária forma com que as sociedades modernas convivem, quer através do filme propriamente dito como pela televisão. Assim, a capacitação para ler a imagem, nomeadamente a banda desenhada, e por essa via a competência para ver e captar as mensagens de forma crítica constituirá uma preocupação do SALTO 1 por forma a capacitar as crianças a fazerem as distinções já possíveis na idade pré-escolar, mas também já como possibilidade de interessá-las para a fruição clarividente das imagens produzidas com a mais variada intenção.

A prioridade dada às artes neste programa, não tem qualquer pretensão de desmerecer, desconsiderar, nem pretende a postergação das outras áreas de formação e do conhecimento. Antes, entende-se aqui que as artes devem constituir um campo de mediação para melhor se aceder aos demais campos do saber designadamente os de carácter científico-tecnológico e social, isto é, as artes constituem neste programa um método para se iniciar e facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, em particular apetrechá-las para consolidarem a sua opção por qualquer área do saber sem que isso constitua a depreciação de qualquer outra. Pelo contrário, feita a sua opção principal e de futuro profissional possa continuar a explorar outras dimensões, visões e entendimentos do mundo e da vida social que possam abrir e ampliar todas as condições de possibilidades do seu enriquecimento pessoal e de incentivação a um forte e empenhado contributo na prossecução das funções da sociedade.

Do exposto conclui-se que a arte como método de educação tem sido defendida por diversos autores. Um deles foi Herbert Head na sua obra *Educação pela Arte*, 1943, outros como Alberto B. Sousa. *Educação pela arte e artes na Educação*, 3 vols, 2003 e Ken Robinson. *The Arts in Schools, Principles, Practice and provision*, 1982, defendem com fundamentos as razões porque a educação pela arte deve constituir um método de ensino e aprendizagem. Robinson sustenta que as artes têm uma função vital na educação das crianças e considera que:

1. No desenvolvimento de todas as espécies da inteligência humana: “The arts are fundamental ways of organising our understanding of the world and call on profound qualities of discipline and insight,” logo e por isso “They must be included in education wherever schools are concerned to develop the full range of children’s intelligence and habilities;”
2. As artes são importantes para o desenvolvimento de sentimentos e da sensibilidade, na medida em que “the free expresssion of emotion is essential to healthy development, and this is the value of the arts in schools” por outro lado, elas são “disciplined forms of inquired and expression through which to organise feelings and ideas about experience;”
3. Na exploração de valores: “Feelings are intimately connected with values: “Times change, values don’t” e “An education which sets out to help young people make sense of contribute to the world in which they live, must be concerned with helping them to investigate their own values and those of others artists are characteristically concerned with such things: with the evaluation and re-evaluation of the world around them;
4. Na compreensão da mudança cultural e das diferenças: “The arts are characteristic expression of any culture and evolve as part of it” por outro lado “the product of the arts – plays, painting, lietrature, music, dancing, sculture and so on – are integral parts of the social culture and are among those things children need to experience in coming to understand it,”
5. No desenvolvimento físico e capacidades perceptivas: “Children need to be enable, not only to have ideas about the world, but to act in it. Natural abilities must be developed into practical skills. Work in the arts can lead to the development of a range of qualities and skills with a wide aplication and value.”

Relativamente à influência direta das artes no desenvolvimento da criatividade, o mesmo autor defende que elas “are ways of having ideas, of creating ideas, of exploring experience in particular ways and fashioning our understanding of it into new forms [...]. They can innovate – putting old ideas together in novel ways or creating new ones to offer new sources of insight and illumination and to afford new visions of the truth about the world and the human condition.” As artes nas sociedades abertas são formas que suscitam e mantêm um espírito crítico permanente na medida em que “For every painter,

writer, musician or sculptor is permanently on trial; every exhibition, publication or performance, it has been wisely said is far worse than any examination. In this community, the only aristocracy is one of excellence. The arts, as much as any science are exercises in rigour and criticism of the most searching kind; every artefact or performance is open to comment, to evaluation and re-evaluation.” E no que se refere à tese de que a Matemática e as ciências naturais são as únicas fontes do conhecimento dizendo que “All else – and particularly the knowledge to be found in the arts – is merely subjective and therefore gravely suspect” merece a sua rejeição e rebate: “Like others before us, we reject the view that the only valid kinds of knowledge are those that are open to deductive reasoning and empirical test. Not only through logical analysis or experiment but through intuition and feelings, through direct experience and action [...]. Discovery in science is not a strictly logical performance any more than work in the arts is simply the expression of the feelings [...], in talking about artists and scientists we are not necessarily talking about different people at all but about the exercise of different capabilities existing within same person.”

O balanço então é o de que “The arts are of vital importance in this undertaking for they are expressions of these forms of rationality of central importance in the balanced growth and development of the child. Without the balance that na education in both the science and the arts can give, we should have a society undignified by a predilection for beauty in art and dignity in relationships.” Afina rematando sobre esse instrumental que são as artes “the potential of the arts for developing a sense of excellence and quality that can transform na individual’s expectations of him/herself” e termina reafirmando as suas potencialidades e alcance no estabelecimento da interação e nas relações: “The arts can help to improve the quality of life for the individual. They can also be a powerful force in promoting inter-personal and international understanding. Tolstoy remarked that: “Through the influence of real art, aided by science, guided by religion, that peaceful co-operation of man which is now maintained by external means ... should be obtained by man’s free and joyous activity.” Nesta definição fazer uma iniciação das crianças pelas artes é dotar essa geração de capacidades revolucionárias, porque é dotar os seus futuros e potenciais protagonistas e líderes de um novo olhar sobre o mundo e incutir-lhe disposições inovadoras relativamente ao seu modo de sentir, pensar e agir totalmente avançadas e atualizadas como também é criar as condições necessárias de que decorrerá a transformação da sociedade que integram e em que atuam.

3. Uma perspetiva globalizante, multidisciplinar e qualitativa

Embora na ordem de referências o programa do SALTO 1 conceda primazia às artes e ao domínio da linguagem (oral e escrita), essa preferência de sistematização tem a ver com a melhor lógica pedagógica e deve-se também

ainda ao facto de, como se tentou demonstrar, elas constituírem uma ordem de prioridades como método e serem um aspeto essencial de abordagem para a formação pessoal, como ainda viabilizarem a proveitosa introdução ao conhecimento doutros domínios tais como o científico e tecnológico; serem uma via eficaz para atingir e vitalizar a faculdade cognitiva própria do conhecimento; facultarem o exercício da crítica e a preocupação da avaliação qualitativa da realidade; com efeito e neste pressuposto, constituem a área de expressão e de comunicação por excelência. Assim disposto, o programa centrar-se-á, com o mesmo nível de interesse e preocupação, sobre outros conteúdos como seja a área de formação pessoal e social cuja essência ficou delineada na preocupação e na prioridade dada à socialização e às condições de inculcação que exige, que devem ser consideradas o fundamento do êxito do projecto educativo TRIPLO SALTO. De facto, uma boa socialização primária da criança, na família e complementada na escola, constitui um fator privilegiado e promissor de êxitos futuros quer no interior da família, quer na escola como na sociedade em geral. A socialização não se fixa na formação da criança, preocupa-se com a sua integração nos pequenos grupos como na sociedade em geral, logo é por natureza integradora, sentido em que o SALTO 1 se esforçará tendo em permanente atenção que “é na interação social que o ser humano se constrói, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia. É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros, que a criança vai construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode ou não fazer, os seus deveres e os seus direitos assim como os dos outros.” Partindo desse pressuposto a formação que se pretende dar focar-se-á na ação e desenvolver-se-á pela imediata relação e contacto com os artefactos tecnológicos como forma de “pedagogia prática” e facilitação da compreensão:

- do como das coisas, como elas são e como funcionam, razão por que se recorrerá ao método da “aprendizagem pela ação” porque permite “– viver as experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.” Aqui viabiliza-se às crianças o desenvolvimento da capacidade de “iniciativa pessoal. Elas agem no seu desejo inato de explorar; colocam questões sobre pessoas, materiais, acontecimentos e ideias que lhes provocam curiosidade e procuram as respostas; resolvem problemas que interferem com os seus objetivos; criam novas estratégias para porem em prática.” O método de aprendizagem pela ação facilita a ultrapassagem de obstáculos despertando a criança para o facto espantoso da inerência das soluções e leva-as a saltarem do próprio manuseamento das coisas, isto é, fazendo-as descobrir que a solução dos problemas, que por vezes parecem inultrapassáveis, se acha no seu tratamento, na acção e entrega pessoal, pelo que:

a). Na **linha duma educação por e para valores** na perspectiva de que toda a sociedade minimamente organizada assenta numa ordem que se constitui de costumes, da moralidade, de regras de conduta, de instituições ... sendo que alguns são mais perenes do que outros e como tal estruturam uma certa ordem. Esta faz distinção de categoria que são os valores como o respeito, a autoridade, a liberdade ... sobre que assenta a sociedade e os grupos duradouros institucionalizados. Logo:

- o pré-escolar é a instância propícia para inculcar os valores às crianças na medida em que ao alargar os círculos de convivência propicia, dá-se logo nos primeiros passos da interação, “a consciência de si e do outro” nesse alargado convívio e contexto a “educação pré-escolar tem um papel importante educação para os valores,” pois “É na interação que a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir.” Mas a interação em contextos sociais privilegiados como os do pré-escolar são momentos vitais para passar noções de pessoalização relativa à execução de certas tarefas que se dirigem e refletem sobre si para benefício próprio como na execução de tarefas que lhe são atribuídas no âmbito do grupo que integra. É ainda:

- o tempo adequado e contexto ideal para incutir a noção de autonomia e sobretudo a ideia de que é nas relações grupais que se inicia a distribuição social do conhecimento, mas que também se exerce o poder que está submetido a limites, a normas, para a consecução de fins sociais e melhor regulação das relações. É ainda o momento para, não obstante a complexificação que a criança já absorve sem transtornos, passar a ideia de que na interação com os demais, na fixação de limites ao exercício de poderes, ao receber e executar tarefas, ao fazer amizades e conviver num ambiente lúdico e espirituoso, ela está a principiar-se no papel de cidadão quer viva na aldeia, na cidade e na sociedade;

b). Na afirmação da valorização, em igualdade de prioridade com os outros domínios do saber e da prospeção do espírito científico, da iniciação nas tecnologias, do interesse pelos velhos e novos suportes de leitura. Assim:

- e no sentido de abrir a curiosidade à área científica; de fazer iniciação às tecnologias e destacar a importância do seu domínio para a boa integração nas sociedades modernas:
- o programa optará por colocar à disposição dos alunos um conjunto de equipamentos informáticos, de materiais e de

condições para a realização de trabalhos e ensaios, que a nível individual e coletivo, promovam e favoreçam a experimentação quer como forma de aproximação à cultura científica, quer como domínio de contacto com as ciências puras como a física, a química, a biologia, esta aplicada ao estudo da vida marinha, ambiental e ecológica;

- far-se-á também uma introdução ao computador, nas suas dimensões de *hardware* e *software*, a exploração das possibilidades das outras tecnologias de comunicação e informação como a internet, a rádio, a televisão, os jornais e mesmo da produção musical eletrónica. Este conjunto de artefactos tecnológicos propõe-se a:

1. No **sentido de dar conta** da importância da ciência no desenvolvimento das sociedades contemporâneas salientando que é da sua materialização empírica que se parte para a construção dos artefactos e de toda a aparelhagem e maquinaria cuja finalidade é melhorar as condições da vida, com aplicação nas cozinhas, nos hospitais, nos hotéis, nas cidades, nas casas;
2. Com vista a acentuar a essencialidade da matemática na produção da ciência recorrer-se-á a realizações, montagens e manuseamentos que viabilizem a compreensão desse postulado. Não serão ignoradas as noções, ainda que elementares, sobre:

- as formas que permitem a organização económica com expressão: na indústria turística e de pescas com implantação na Boa Vista; nos meios de transporte e qualidade de vida que estes proporcionam por virtude da comunicação rápida que a sua celeridade e comodidade proporcionam; na organização financeira das sociedades recorrendo à noção da moeda;

3. Pela via da facilitação da compreensão de como se chegou à indústria turística em que a Boa Vista está agora a participar serão dadas noções da evolução das sociedades e, no caso particular, de como surgiu o turismo. As noções sobre o tipo de sociedade que viabilizou as condições de possibilidades das várias indústrias terão como objetivo subjacente a interiorização da noção do desenvolvimento procurando introduzir os alunos no valor da busca incessante de novas soluções para os problemas que preocupam as sociedades nas quais não se pode excluir a sua própria terra, e a incentivação para a procura de respostas mediante o comprometimento pessoal e social;

c). Na **perspetiva de que** os saberes e o seu incremento constituem valores das sociedades modernas, na área do conhecimento do mundo, relevando que este é constituído por um elevado número de povos e países:

- procurar-se-á implantar o bicho da curiosidade nos espíritos dos infantes por forma a que suscitem a obtenção de informação sobre aqueles iguais que constituem o mundo dando-lhes conta dos meios existentes para mais facilmente obter esse conhecimento. Esse despertamento deverá constituir a circunstância ideal para falar sobre os benefícios que se podem tirar do uso de meios como a televisão, os jornais, a rádio para fins de informação e do conhecimento. Também e porque o TRIPLO SALTO pretende constituir um complemento (?) ao ensino público e dada a circunstância de se dirigir a uma população particular cujo território e povo oferecem condições favoráveis para receber o turismo:

- todo o ensino ministrado salientará e enfatizará a conveniência da conservação das características que faz do povo boa-vistense um bom recetor de turismo com a incentivação às crianças a aprofundar os gestos e os comportamentos simpáticos e apelativos, assim como criar uma cultura da amizade desinteressada com fundamento apenas nos valores da humanidade, da sociabilidade e da cultura;

d). Na perspectiva de salientar a importância e a atualidade das novas ciências do ambiente e do conhecimento salientar-se-ão as conclusões da biologia sobre a vida marinha, serão proporcionados tempos particulares e dirigidos para disciplinas curriculares, visitas com acompanhamento de especialistas em ecologia e em ambiente, para tomada de conhecimento e consciência, sobre as condições em que se desenvolve a vida das espécies marinhas e do estado dos mares por forma a fomentar a voluntária discussão e o questionamento sobre os temas e matérias respetivos, assim como a consciencialização relativa à situação crítica do ambiente em termos mundiais e sobre os comportamentos a ter e a evitar para proteger a fauna e a flora marinhas, as praias e os recursos aquíferos de que resultam benefícios económicos e sociais para as populações mundiais, para a Boa Vista e para Cabo Verde como arquipélago em particular;

e). Fornecer as ferramentas intelectuais e técnicas que viabilizem uma conversão do olhar relativamente às formas de vida compatíveis com uma relação harmoniosa com a Natureza, que viabilize uma exploração cautelosa dos seus recursos que devem ser colocados ao serviço de todos; para atingir esse desiderato essencial à conservação da vida direcionar-se-á a socialização dos infantes para a auto-iniciativa de procura da informação com vista não só ao conhecimento, à sua conservação e actualização através:

1. Do gosto pela frequência das bibliotecas e a exploração dos seus recursos; do interesse pelo livro e a sua estima; do despertar para o interesse pelos meios comuns de informação e ensinando que o seu acesso e leitura obedece e exige a capacidade de seleção e crítica dos seus conteúdos e seu direcionamento; este questionamento das coisas ditas e lidas propõe-se a levantar na consciência dos infantes o véu da dúvida, o incentivo ao questionamento das coisas que levem à procura da verdade possível dos factos.

Em síntese

O programa do SALTO 1 é uma plataforma de iniciação que se pretende profícua e prometedora dum futuro escolar cuja evolução e aproveitamento estejam previstos e garantidos desde o ponto de partida. Para prevenir as dificuldades e ultrapassá-las, dotar-se-ão as crianças do pré-escolar das condições de possibilidades dos resultados pretendidos com a instituição do TRIPLO SALTO. Para melhor atingir os objetivos desta etapa ela será organizada segundo áreas tão imbricadas e tão estreitamente co-relacionadas para que os conhecimentos transmitidos e adquiridos constituam um todo sistémico, um todo coerente cujas partes estarão tão correlacionadas que uma vez visionada uma delas a sequente conferir-lhe-á uma relação de sentido tal que fará emergir todos os outros conhecimentos que façam parte desse todo. Por isso o SALTO 1 será constituído por três áreas:

- “área de formação pessoal e social” de que os mecanismos e objetivos de socialização serão a preocupação essencial com vista a conseguir a melhor integração no grupo e a criar a melhor incentivação à aplicação conjunta, grupal, nas tarefas escolares. Aqui procurar-se-á inculcar os valores da escola e da família com destaque para o valor essencial do trabalho realizado em grupo e em equipa para a boa distribuição não só do trabalho e do conhecimento, como também para o estabelecimento e consolidação de laços da mais variada natureza como a consecução dos objetivos escolares; mas também os da sociedade como espaço por excelência de realização pessoal;

- “área de expressão e comunicação” que tendo sempre presente os pressupostos da eficaz e profícua socialização, abrirá as portas da sensibilidade com vista ao despertar do sentido estético, mas também como forma de abrir as possibilidades de geração da abertura do espírito para receber, compreender e construir de forma natural outros conhecimentos designadamente de carácter científico, tecnológico, social em que predomina o espírito crítico, a curiosidade para o saber e o não conformismo com o sabido e

o estabelecido. O porquê, o como, o para quê devem ser as fórmulas de cristalização e enunciação do espírito científico a infundir;

- “área de conhecimento do mundo” que objetivará as condições de conhecimento do mundo em que habitamos cujas possibilidades nos são proporcionadas pela capacidade de nomear as coisas, categorizá-las segundo formas, cores, dimensões, o tipo de sensações que provocam. Aqui, serão destacadas as formas de vida e distinguidos os tipos de objetos, corpos e produtos naturais e artificiais com que convivemos e co-habitamos, de que nos servimos para a nossa subsistência e será acentuado que todos devem ser respeitados e preservados não só por respeito às outras espécies como por razões da sustentabilidade e conservação qualitativa do Mundo. Este conhecimento deverá constituir um meio para sensibilizar os pequenos educandos para a essencialidade do tempo e do espaço; das dimensões geométricas e possibilidades fornecidas pelos números não só para a contagem e ordenação dos objetos e dos fenômenos da percepção como também na formação de conteúdos matemáticos de que resulta o rigor científico e dos modos de condução da vida como a contagem horária, a ordenação das coisas no espaço e até das nossas próprias ideias, concretas e abstratas, que se podem colocar em forma de raciocínios e de problemas tanto qualitativos como quantitativos cujas formulações se deverá ensinar.

Assim, neste segmento temporal e curricular da aprendizagem e desenvolvimento da criança, “o essencial é que os assuntos abordados e o seu desenvolvimento, são os aspetos que se relacionam com processos de aprender: capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber, a atitude crítica.” E sobretudo o esforço e a capacidade para transmitir conhecimentos; competência e a determinação para inculcá-los; dominar os saberes e conseguir utilizar as ferramentas psico-sociais que facilitem a motivação dos alunos para a aprendizagem e ainda a capacidade para a realização de um tão particular e exigente tipo de trabalho, isto é, abertura para dedicar-se e criar o ambiente propício ao favorecimento da aprendizagem e desenvolvimento tão harmoniosos e proveitosos quanto possíveis dos pré-escolares instilando neles a tensão “exasperante” para o saber, para a busca da informação, para a qualificação e para a participação nas tarefas sociais em detrimento dos egoísmos e da facilitação. Por tudo isso, o docente do TRIPLA SALTO terá que fazer a diferença e esforçar-se-á por ser um inovador e criativo, para que esteja na vanguarda e sempre sintonizado com os seus alunos e com as suas necessidades educativas e cooperante com as famílias destes, por forma a evitar que eles sejam apenas meras reproduções de Carlos

Bovary cuja meta de futuro não passou de pouco mais do que uma trágica frustração.

Marcelo Évora